

O Peão Pantaneiro (Seu meio, suas lidas, suas crenças: sua historia)

Mestrando História – Deusmar Jatobá Espindola
Orientadora – Marly Vianna

Caçar onça fica fácil se ela subir numa árvore. Aí fica igual passarinho para morrer. Você bota o cachorro nela, ela trepa na árvore, você chega lá e mata” (Jadir Frota Herme, 73, ex-caçador – Passo do Lontra Corumbá/MS)

Introdução

O Pantanal Sul-Mato-Grossense é uma imensa planície alagável, com uma área de mais de 140 mil quilômetros quadrados no estado de Mato Grosso do Sul, com uma população especial do ponto de vista da sobrevivência e do seu trabalho. Nessa imensa área está inserido o maior rebanho bovino do mundo, ainda criado em muitas fazendas sob o regime de pecuária extensiva. É nesse universo: grandes áreas alagáveis, gado bovino, comunidades isoladas que se situa o peão pantaneiro, que há mais de 200 anos habita o pantanal aprendendo a conviver com seu mundo “ inundado, úmido ou seco”.

A vida do peão está ligada estreitamente à natureza, ao mundo ao seu redor; exemplo disso está no seu modo alimentar, muito simples, reduzido a três abundantes refeições diárias à base de arroz, mandioca, farofa, feijão, carne em abundância, peixe a vontade, e verduras raramente. A primeira refeição, feita ao amanhecer, o que chamam de quebra - torto (café da manhã). Para passar o dia trabalhando no campo, o peão leva a matula (lanche) e o tereré (erva-mate bebida servida em cuias com água natural ou gelada), tomado antes do almoço e no meio da tarde. A preparação do tereré, quando tomado nos momentos de lazer, constitui em um verdadeiro cerimonial, com regras pré-estabelecidas: Forma-se uma roda em torno do cevador (aquele que serve) e a guampa de mate (copo feito de cuia ou de chifre de boi) gira sempre em sentido horário, não permitindo furos, aquele que chega ocupa sempre a ultima posição da roda. Ao sentir-se saciado o peão deve sempre agradecer ao cevador passando sua vez a outro sem, contudo sair da roda. Essas rodas constituem também em rodas de prosa onde se contam as agruras do trabalho do dia, as piadas e os “causos”

pantaneiros, que sempre envolvem muita valentia na narrativa. Ao observarmos esse mundo sentimos a necessidade de estudar mais profundamente o seu principal protagonista: o peão pantaneiro.

O peão pantaneiro, alvo de nosso estudo, é o responsável pelo ponto forte da economia da área que em muitas cidades da região baseia-se quase que exclusivamente na pecuária de cria e engorda e vivendo em comunidades isoladas (às vezes composta única e tão somente pelo núcleo familiar).

A relação do peão pantaneiro com o fazendeiro, dono das terras levou-nos a uma observação primária e a formulação do nosso tema (O peão pantaneiro, sua história, sua lida e suas crenças), pois na abordagem da história do homem pantaneiro estarei traçando o perfil do elemento que há mais de 200 anos habita o Pantanal; deixamos claro que busco a origem do homem pantaneiro para estabelecer como foi ocupada aquela imensa área. Entretanto, começo meus estudos a partir da década de 1950, porque, finda a II Grande Guerra, as atenções de autoridades e pensadores voltam-se para os problemas internos de nosso país. Observa-se no pantanal a partir desse momento que a mentalidade de pecuária extensiva passa a mudar; o cuidar do gado, até então quase que deixado aos cuidados da natureza sofre transformações e a medicina veterinária tem o seu uso disseminado nas fazendas pantaneiras. Os rodeios, um trabalho de campo entre fazendas limítrofes, que antes serviam simplesmente para marcar o “gado baguá” agora são utilizados também como elemento de troca de informações na lida dos peões.

Através da lida do trabalhador do pantanal, quer em fazendas, quer em comitivas, quero diagnosticar os problemas de se executar atividades em áreas lacustres e inóspitas. Quero buscar nas crenças do peão, o lado mítico, fantástico e religioso desse importante segmento das atividades primárias, buscando respostas para derrubar a forma caricata e folclórica com a qual a mídia, principalmente televisiva, trata da temática pantaneira, como no caso de novelas de grande audiência que muito mexeram com o imaginário popular.

Falar dos peões pantaneiros é entrar em mundo onde a honra, a coragem e arrojo estão sempre presentes. Talvez possa ser dito o mesmo que Euclides da Cunha

disse do sertanejo: que o homem pantaneiro é acima de tudo um forte, capaz de enfrentamentos, destemido. Evita, porém não rejeita aos mais diversos embates com animais da fauna silvestre.

Apesar da aparente liberdade que a vida de andanças lhe dá, o peão tem uma forte relação com o proprietário da fazenda, constituindo-se um elemento de confiança do patrão. Essa relação de proximidade tem origem na ocupação do Pantanal quando patrões e empregados conviviam estreitamente.

A relevância deste trabalho é, portanto, diagnosticar e conhecer quem é o homem pantaneiro, contribuindo desse modo para o conhecimento desse segmento que faz parte de mais uma das camadas invisíveis da sociedade brasileira e que em muito contribuem para o desenvolvimento de nosso país. O Brasil é um país imenso e diferenciado e só poderemos entender o seu povo estudando, cada uma de suas regras e ou cada grupo populacional, para depois tentar elaborar uma síntese; se ela for possível.

O peão pantaneiro tem sua origem ligada diretamente a grupos primitivos locais. Historicamente, o homem pantaneiro teve seu surgimento ligado a diversas influências, tais como bandeirantes, nordestinos, negros e indígenas das antigas tribos. Também exerceram sua influência os paraguaios e os bolivianos, que entraram no território brasileiro em busca de trabalho. Toda essa confluência de etnias, usos e costumes legaram ao pantaneiro modos de vida os mais diversos, que foram se transformando ao longo dos anos. A cultura pantaneira está então, intimamente ligada também a cultura guatô, “índios”¹ que habitam o pantanal sul-mato-grossense.

O eco-sistema faz com que o homem pantaneiro seja especial no que diz respeito a seu biótipo. O pantaneiro, o caboclo ou mestiço, filho de branco com índio, de cabelos lisos, cor acobreada, queimado de sol, tornou-se ao longo do tempo um elemento extremamente resistente, capaz de permanecer sobre o cavalo por horas a fio, vigiando e pastoreando o gado em terras secas ou inundáveis.

¹ O termo “índio” aparece entre - aspas por ser erroneamente aplicado aos grupos nativos brasileiros. Os primeiros europeus que aqui chegaram, julgavam estar apotando nas índias, daí “índio”.

O pantaneiro é um conhecedor de plantas e mantém com elas um relacionamento diário retirando da flora quase toda a medicação que utiliza para sanar os seus males, herança cultural recebida dos Guató. A sua visão e o seu olfato são extremamente adaptados ao Pantanal, ele é capaz de observar como marco uma piúva ou um capão que, ao recém-chegado, parece igual a centenas de outras; onde tem, caeté, o carro atola. Onde tem embaúba, dá bom poço; onde tem acuri, pode ter porco. Quando a fome ou a sede aperta, várias frutas nativas podem amenizar a dura jornada: ananás, aração, ariticum, bocaiúva, cabrito, cajuzinho, etc.

Outro fato inerente à cultura pantaneira é a conhecida sabedoria empírica do homem dos pantanais, que detém um modo especial de observar e de interpretar os fenômenos naturais, a fim de orientar-se nas práticas do dia-a-dia. Esse modo de agir, norteado pelo saber empírico, testado em diversas circunstâncias da vida e repassado por sucessivas gerações, facilitou-lhe, por décadas e décadas, o manejo das atividades diárias. E é esse saber interpretar e saber fazer que a ciência moderna redescobre com o nome de “saberes tradicionais”, recuperados, à luz dos discursos a respeito do desenvolvimento sustentável ².

O trabalho no campo exige do pantaneiro habilidade e grande resistência, para passar a maior parte do dia em cima das montarias. Os arreios sofreram modificações ao longo do tempo, como o acolchoado que antes era de capim passou mais tarde para pele de animal, e assim várias outras indumentárias foram mudando com o tempo. Todavia em regiões cada vez mais raras ainda se conserva o jeito puro de ser pantaneiro, herdade genética dos pioneiros brancos, dos guató e dos paraguaios e bolivianos que na planície alagável fixaram residência.

Faz-se sentir essa herdade pela absorção de costumes: do bandeirante paulista as lendas e crenças em figuras como lobisomens, mula-sem-cabeça, pé de garrafa que costumam povoar o imaginário popular e a assombrar as noites sem luar das crianças pantaneiras. Do índio o costume da rede, do banho nos rios e corixos, do transformar arvore e paredes em encostos, do andar descalço; ainda do índio, o pantaneiro reproduz o costume de respeitar os animais e as mulheres de tecerem suas

² Nogueira, Albana Xavier.-O Que é Pantanal, Ed. Brasiliense, São Paulo SP

redes em teares manuais. O gosto pelo andar a cavalo, do correr eco (manifestação de alegria), do aboio, do ser desconfiado, das cismas, da timidez, da risadinha tímida e crítica foram também características desenvolvidas por aquele que hoje é chamado de caboclo, mestiço e de índio pantaneiro.

Essa Miscigenação ao invés de promover uma colcha de retalhos cultural serviu para criar uma identidade própria que é a própria razão de ser do pantaneiro, pois ao observar esses homens em sua lida não conseguimos sentir outra cultura que não a desenvolvida por eles próprios.

Por Homem pantaneiro entendo o peão que vive isolado nas fazendas de gado. Sobre esses homens, descendentes da miscigenação étnica que vimos em páginas anteriores, muito pouco ou quase nada se tem escrito. Sabe-se que os primeiros vieram com essa “gente nossa” como agregados e atribui-se a eles uma parceria, um “cumpadrio” que só se observa nas relações de trabalho, longe de passar por perto da divisão eqüitativa de rendas ou social. A atribuição de uma igualdade cantada e decantada pelos fazendeiros criou no imaginário do homem simples a figura de um herói que tudo sabe e esse saber está implícito no norteamento total da vida do peão, pois o “douto” homem de grande saber é igual a mim. A dependência cultural é tão grande que em época de eleições muito comum é receber resposta estapafúrdia como quando inquirido sobre em quem vai votar o peão responde “no candidato A” e na continuidade do diálogo “por que você irá votar nele” obtendo como resposta “porque o dotô mando”.

O Universo do pantaneiro está intimamente ligado ao ciclo natural do pantanal, pois para poder sobreviver em um ambiente tão inóspito o caboclo do pantanal precisa conhecer, respeitar e acima de tudo entender o ambiente para nele fazer a sua morada e seu meio de vida. Sobre essa relação tão estreita diz leite:

“A sobrevivência no pantanal não só depende da relação do homem com a natureza, mas também da relação do homem com o homem, pois, quando é possível o pantaneiro interage com outros peões nas sedes ou retiros das fazendas. Sobre isso Leite (2003) ainda descreve que, em relação aos costumes pantaneiros, os peões têm o hábito de dormir em redes, muitas vezes amarradas nos galpões ou quando não há lugares cobertos para o pouso, pernoitam ao ar livre com as redes amarradas em árvores e quando o céu aberto é necessário que se revezem a cada três horas para cuidar do gado.”

Durante o pouso das comitivas é onde se estreitam mais os laços de amizade, todos conversam, trocam idéias, contam “causos” (histórias e fatos da região) e também acontece uma boa roda de viola. Sua moradia só demonstra um pouco de conforto quando se situam perto das sedes das fazendas, pois quando em locais afastados da sede, chamado de retiros, habita em choupanas rústicas, cobertas de palha e chão de terra batida, e dorme em rede. Esses retiros afastados, por vezes muito isolados são em conseqüências das fazendas serem muito extensas e a criação do gado estar ocupando invernadas (pastos) distantes. Observa-se desse modo a extensão desses latifúndios não sendo raras as propriedades com tamanho superior a 20 mil hectares. Tão grandes são essas fazendas que as vezes não se consegue percorrer a propriedade em um só dia. Daí a necessidade desses retiros isolados, para que o gado não se perca na imensidão, mesmo assim vez por outra torna-se imperioso a realização de rodeios(que já nos referimos anteriormente) nesses rodeios, que reúnem varias propriedades, proprietários e peões é que se faz sentir o grande elo de harmonia e convivência que há no pantanal.

Quando tratamos da organização da comitiva observamos uma atividade febril nas fazendas. Procura-se planejar todas as atividades que serão executadas pelos peões: essa organização parte do cozinheiro que sempre segue a frente da comitiva e os espera em lugar pré-programado com o almoço ou o jantar já pronto, o cozinheiro, que não é um cozinheiro normal, vai à frente, monta o acampamento e prepara as refeições de todos da comitiva. Como conseqüência desse trabalho e da necessidade de agilidade no preparo da comida surgiu o Arroz Carreteiro e o Macarrão Tropeiro. São comidas fáceis de serem preparadas, tendo o macarrão ou o arroz, a carne é ingrediente fácil.

Para condução de cerca de 1000 cabeças de gado cada peão tem a sua função. O "ponteiro" é o responsável por guiar o gado e controlar o ritmo da marcha. Logo atrás vêm os "fiadores", um de cada lado eles fazem um movimento de pêndulo, movimentando-se da frente até o meio do gado e se encontrando com os “meeiros”, que fazem o mesmo movimento até o final do gado. Atrás, "na culatra", vai o chefe da comitiva, ele é o responsável pela estratégia de condução e contagem do gado.

A chefia cabe sempre ao capataz que tem sua reputação avaliada pela forma como conduz a boiada e muitos capatazes se orgulham do fato de nunca terem perdido uma novilha sequer durante o trajeto. Essa atividade inspira contos e causos nas fazendas, porém com a criação de estradas o transporte de gado cada vez mais é feito por caminhões e navios boieiros que ao serem utilizados substituem o trabalho humano e contribui para a diminuição do mercado desses profissionais.

Os mitos na região do Pantanal são diversos. Entre eles, podemos citar alguns, como o mito do Pé-de-Garrafa, o Minhocão e o Maozão. No universo pantaneiro há lugar especial para o imaginário popular; como todo grupo populacional vários mitos são criados, venerados e adorados por aqueles que os cultuam. As crenças, que integram o cotidiano do homem pantaneiro, são contadas, recontadas e vivenciadas nas rodas, encontros, comitivas e diferentes espaços/ tempos familiares e comunitários, e ajudam a sustentar e encaminhar a lida diária desse cidadão brasileiro.

Ao tomarmos contacto com o mundo mítico do pantaneiro observamos que em primeiro lugar há uma acentuada religiosidade sob a forma de culto a vários santos. Entre os santos mais cultuados na região podemos destacar São Sebastião, tido como protetor dos animais. Outro santo popular na região é São Jorge. Santo Antônio, santo muito devotado na região do Pantanal, é comemorado aos treze de junho. Outro santo reverenciado na região é São João Batista festejado aos vinte e quatro dias do mês de junho. As festas de São João obedecem a um ritual grandioso. O dia 23 de junho é destinado ao levantamento do mastro ao som do Cururu que é um Folgado popular dos mais antigos de Cuiabá, podendo ser apresentado como roda de cantoria e dança. Os instrumentos utilizados são a viola de cocho, o ganzá. Consiste em, no mínimo, dois cantadores, sempre do sexo masculino; um tocando viola de cocho, outro o ganzá. A origem do nome Cururu, admite-se que possa ser originada da tribo dos Bororo que desenvolviam uma dança típica chamada Bacururu.

Nas festas dança-se o Siriri, que é uma das danças tradicionais da Baixada Cuiabana, é um dos folgedos mais populares e antigos de Mato Grosso. Dançam homens, mulheres e crianças, em roda ou fileiras formadas por pares que se movimentam ao som da viola de cocho, do ganzá e do mocho.

Em Corumbá, principal núcleo habitacional do Pantanal, transformou-se essa festa religiosa em um grande acontecimento turístico. A ladeira Cunha e Cruz, que dá acesso ao rio Paraguai, é enfeitada com luzes e bandeirolas e a meia-noite os festeiros descem para o batismo do santo nas águas do rio, movimento que é denominado de “Banho do santo”.

Curioso é observar as crenças em torno dos andores do santo. Ao descer a ladeira se cruzar com um outro andor há todo um movimento de reverência em cada andor como se as imagens estivessem cumprimentando; as mocinhas casadoiras formam filas para passar em baixo dos andores, que tem que ser sete, em busca de casamento. pantaneiro.

Observamos que muitas lendas são influenciadas pela dinâmica das águas, refletindo a relação que a população aprendeu a estabelecer com a paisagem. Também conhecidos como mitos d'água, espalham-se e chegam a se confundir com a realidade. Conheça os principais deles.

O peão do pantanal habita um mundo em que, seus heróis, lendas e crenças estão intimamente ligados ao seu cotidiano, a valorização do forte, que significa poder e respeito. O respeito entre os pantaneiros faz com que nas fazendas quase não se observem desavenças, pois a fama de “encrenqueiro” é um empecilho para sua contratação pelos fazendeiros.

Pelo isolamento humano e geográfico, muitos hábitos e costumes do homem pantaneiro foram adquiridos dos paraguaio-guaranis, formando com outras contribuições a cultura pantaneira. O pantaneiro é assim uma pessoa calejada, quieta, observadora. Sua cultura foi tecida pelo e no encontro de várias outras culturas, o que vai influenciar até a sua própria vestimenta; dos paraguaios herda-se a faixa que muito mais que um simples adereço é o lugar onde se aloja a faca campeira ou “peixeira”, de muita utilidade na lida diária; dos gaúchos foi herdado em algumas áreas o uso da bombachas.

O bandoleiro Silvino Jacques, um gaúcho que migrou para a fronteira Brasil-Paraguai, Sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, homem sobre o qual pouco se

conhece e muito se comenta nos “causos” e nas crônicas, precisa ser mais historicizado, estabelecendo-se uma relação com a estrutura social da época. Foi um personagem ambíguo, pessoa cuja trajetória foi marcada por duplo conceito de matador e justiceiro, e muitos o comparam à Lampião.

O banditismo incursionou no Sul da Fronteira Oeste principalmente em função de condicionantes sociais, políticas e econômicas que não têm relação direta com o meio físico, ou seja, questões ambientais. Supõe-se que entre as diferenças entre o cangaço independente e os bandoleiros de Mato Grosso, o grupo de Silvino Jacques, por exemplo, é o fato de que no Oeste se vivia, na primeira metade do século XX uma situação social um pouco diferente da que se vivia e ainda se vive no semi-árido nordestino. No Sul de Mato Grosso, parte fronteira ao Paraguai, o qual recebeu uma leva de migrantes do Sul do Brasil, na década de 1930, houve uma ocupação não caracterizada pela presença de famílias em situação de completa miséria. O próprio Silvino Jacques se estabeleceu na região como comerciante, o que se pressupõe que ele tinha, pelo menos, relativa estabilidade financeira.

Silvino Jacques foi morto em 1939 na fazenda Aurora pela captura de Orcirio dos Santos. Terminava assim a saga de um dos homens que ainda hoje povoa o imaginário de muitos pantaneiros

A imensidão do pantanal, por si só, é um grande obstáculo para uma comunicação rápida e eficaz. Mesmo hoje com o advento da tecnologia muito voltada para aproximar pessoas, transmitir fatos e dados, o pantaneiro ainda utiliza o rádio como meio de informação e interação entre as fazendas e a cidade. É o meio de comunicação mais popular que existe, já que para ter acesso às mensagens que ele veicula não se precisa ler e escrever. Quase toda a população de uma localidade possui um aparelho de rádio. As transmissões radiofônicas voltadas para o pantanal são acompanhadas com muita atenção pelos peões, elas relatam de modo aberto os problemas, as saudades e a movimentação do homem do campo. Isso, às vezes traz situações que podem ser consideradas incômodas por quem as ouve, porém às vezes o despreparo do locutor transforma a mensagem dramática em algo hilário que passa a dar um cunho folclórico a esses programas; narramos abaixo uma dessas mensagens:

*“-Alo! Alo! Fazenda firme.
-Alo! Seu João, sua mãe morreu,
No mais ta tudo bem!”*

Tentei aqui apresentar alguns traços da região e do homem pantaneiro, sua vida e lida cujo substrato simbólico-religioso, companheiro diuturno nesta parceria indissociável, lança fios que entretecidos na roda dos tempos contribuem para a compreensão de uma cultura peculiar. No Pantanal, a lida tem uma associação muito forte com o prazer. O trabalho no campo, o cavalo, além do desafio esportivo constante, não tem rotina. O homem pantaneiro, característico neste universo, tem sua própria linguagem, sotaque específico da região onde vive, preserva muito um "dedo de prosa", é observador e atento, irônico e não perde o humor, assim como é especialista em colocar apelidos nas pessoas. Ele é um bom tocador de berrante, cada chamada, cada toque ou em linguagem pantaneira, cada som, tem seu significado; pode dizer se está na hora de alguém abrir a porteira, se é o momento do descanso, do pouso, enfim, do que se tem para fazer. As distâncias e o difícil acesso às fazendas fizeram com que este ser humano se acostumassem ao isolamento e à solidão.

A diversidade de atividades, costumes e serviços estão transformando a cultura pantaneira. Os maiores acessos às cidades é um dos fatores que contribuem para a transformação dos comportamentos e costumes do pantaneiros, além das mudanças provocadas pelo êxodo rural, o contacto com novas tecnologias também estão afetando o modo de ser do peão pantaneiro.

Ao defrontar-se com os espaços urbanos, sua espontaneidade e todo o seu conhecimento empírico muitas vezes se perdem e/ou se confundem em meio à tecnologia e a informação. Isso contribui no ato de mudar todos os costumes do peão pantaneiro